



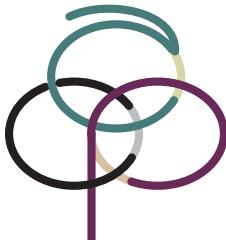
**Associação Campinense de Psicanálise**

# *aCarta*

*A fantasia: do impasse aos atos de passagem*



Informativo da Associação Campinense de Psicanálise  
Nº. 10 – Outubro de 2015



## **ASSOCIAÇÃO CAMPINENSE DE PSICANÁLISE - 2015**

**Presidente:** Walkiria Helena Grant

**Vice-Presidente:** Lucia Brandão Bertazzoli

**Secretária:** Regina Steffen

**Vice-Secretária:** Inácio Siqueira Lima

**Tesoureiro:** Simone T. Camargo

**Vice-Tesoureiro:** Cecilia Jannicelli

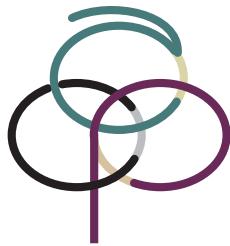
## **COMISSÕES**

**Comissão de Acolhimento:** Lucia Bertazzoli, Patricia Ribeiro Possato e Terencio Hill.

**Comissão de Biblioteca:** Cecilia Jannicelli, Erica B. S. Custódio e Rosana Cuatz. .

**Comissão de Divulgação:** Lucia Bertazzoli e Marcelo de S. Bruniera.

**Comissão de Ensino:** Francisco Capoulade, Inácio Siqueira Lima e Regina Steffen.



## SUMÁRIO

### EDITORIAL

- Regina Steffen*..... Pág. 02

### ARTIGOS E ENSAIOS

#### A fantasia

- Inácio Siqueira Lima* ..... Pág. 05

#### Formalização da análise terminada e interminável por Lacan: iterações que podem ou não levar à travessia do fantasma

- Regina Célia de C. P. Moran* ..... Pág. 11

- AGENDA** ..... Pág. 40

## **EDITORIAL**

### **A FANTASIA: DO IMPASSE AOS ATOS DE PASSAGEM**

Durante os anos de 2013 e 2014, dedicamo-nos, na ACP, à interrogação do conceito de fantasia. Chegamos a isso depois de nos debruçar sobre o ato analítico, ato de refundação subjetiva, através do qual o sujeito se repositiona pela transformação do objeto do desejo.

O ápice desse processo reside no atravessamento da fantasia. Esse é o portal através do qual passa-se ao ato analítico, de forma que aquilo que era impasse na vida do sujeito, transforma-se em ato de passagem.

Chegados a esse ponto, a exploração minuciosa do conceito de fantasia mostrou-se necessária para avaliarmos o alcance teórico dessa chave-mestra da clínica psicanalítica.

Historicamente, esse conceito é muito primitivo em Freud. Antes mesmo de instituída a psicanálise, cujo nascimento se dá com a publicação da "Interpretação dos Sonhos", Freud já se dá conta da fantasia como fator organizador do psiquismo humano. Analisando as histéricas, ele percebe que a sedução sexual da qual todas, invariavelmente, referiam terem sido vítimas na infância, era uma fantasia psíquica. Nascia ali o conceito de realidade psíquica em lugar da ideia de realidade factual. Freud se dá conta de que se trata da história do desejo e não da história dos fatos. Desse modo, o inconsciente já nasce estruturado pela fantasia.

A fantasia se organiza ao final do Édipo, constituindo o paradigma do modo de desejar de cada sujeito em sua especificidade. Ao constatar o caráter irremediável da castração da mãe - o que a torna definitivamente impotente para responder na plenitude às demandas do filho - o sujeito tem de aceitar o doloroso fato daí decorrente: tampouco ele poderá gozar tal plenitude. Dito de outro modo, não existe saber algum capaz de nos atender de modo total e absoluto. Estamos todos desamparados, castrados.

É o pai quem porta a lei de interdição desse gozo de onipotência, e ao fazê-lo, autoriza o desejo. Aceitando a falta de completude em seu próprio corpo, o filho se torna sujeito do desejo. Agora, sua vida passa a mover-se pelo movimento incansável em direção a um objeto capaz de representar simbolicamente o objeto irremediavelmente perdido.

A fantasia é o dispositivo que estrutura a relação do sujeito castrado com o objeto do desejo, apresentando-se como uma tela que se sobrepõe ao buraco aberto pela castração. Ela representa também um enquadre

possível para aquilo que, sem nome e sem cara, não pode ser suportado. A fantasia torna a vida possível depois que aceitamos o fato de termos sido expulsos do paraíso ao qual tentávamos voltar - isso para lembrarmos o mito judaico-cristão, fundador da sociedade ocidental. A fantasia permite ao sujeito viver a tranquilizadora ilusão de que um dia chegará lá. Desejar é mover-se nessa direção e desse modo a fantasia organiza toda a realidade na qual vivemos. O sujeito desconhece a verdade por trás da tela. O inconsciente é esse desconhecimento. Ao mesmo tempo que a falta de completude se impõe, outro sentido se estabelece e nos aponta um caminho. A falta se apaga frente ao novo sentido, tornando-se totalmente desconhecida pelo sujeito. Isso é o recalque, origem do inconsciente de cada um. Ali habita a verdade desconhecida do sujeito, a parte de si mesmo que ele sacrificou no processo de sua constituição subjetiva.

Quando o recalque retorna, ou seja, quando a interdição que o constitui como verdade irrecuperável, vacila, o sintoma se forma. Sintoma é um modo de negar a verdade de uma falta diante da qual só nos resta desejar. O sintoma representa sempre um certo fracasso desse processo e, a depender do grau desse fracasso, o movimento do desejo pode se ver congelado. A vida emterra. O sujeito não faz mais do que sofrer a monotonia de um sintoma que toma conta de sua vida, inviabilizando-a, muitas vezes. Trata-se de evitar o desejo, pois desejar é mover-se pelo que falta. Ora, a falta é justamente o que o neurótico tenta negar, mesmo que isso lhe custe o sofrimento de uma vida sem vida. Aqui, a fantasia constitui puro impasse. Freud inventou a psicanálise como uma técnica clínica capaz de reverter esse impasse, promovendo o destravamento do desejo.

Será Lacan quem produzirá a formalização desse processo, analisando em profundidade as diferentes apostas que o sujeito faz em sua relação com o Outro, e como, dependendo do tipo de aposta, a falta está dada, assumida pelo sujeito já na entrada do jogo ou, pelo contrário, negada e ignorada.

Freud denomina essa estrutura fundamental da subjetividade de "fantasia". Lacan, a chama "fantasma", entendendo que os pós-freudianos desvirtuaram o conceito ao reduzi-lo à pura imaginação, perdendo-se nisso a dimensão simbólica, essência do conceito freudiano de fantasia.

Fantasia em Freud não é mero engano, ilusão imaginária. Ela descreve a dimensão ficcional da verdade humana. O enredo de cada vida é sempre uma versão dos fatos, uma interpretação. A verdade é sempre meia verdade. Não existe a verdade da verdade. Toda verdade é uma verdade

sem verdade. Nisso reside a impotência do saber que o sujeito vive como castração e com a qual o ser humano tem de lidar e organizar sua vida. A fantasia, longe de ser simples imaginação fantasiosa, constitui a própria estrutura simbólica do inconsciente.

Em português, o termo "fantasma" permite uma equívocidade com a ideia de "assombração", coisa que no francês não ocorre. Há prós e contras nessa tradução. A favor conta o fato de que o termo fantasma/assombração do português remete a algo que retorna depois de morto. De fato, pode-se considerar a fantasia como um conceito que se define pela perda definitiva (morte) de determinada convicção, que no entanto retorna na forma de uma promessa futura, um desejo que busca se realizar pelo reencontro do objeto perdido. Mas, justamente esta é a dimensão ilusória, a imaginação fantasiosa que deturpa a essência do conceito e o transforma em impasse. De fato, a estrutura fundamental que sustenta a vida do ser humano, aquela que ordena a realidade e constrói o mundo sobre o real incognoscível, é trama simbólica, ficcional. O termo "fantasia", empregado de modo radical, como aquilo que esconde, disfarça, dando outra cara ao que está por trás, escondido e ignorado, parece mais adequado para designar o conceito freudiano.

Os textos publicados nesta décima edição d'aCarta são o resultado da discussão e aprofundamento que empreendemos ao longo desses dois anos de estudo sobre o conceito da fantasia.

Inácio Lima produz um recorrido histórico do conceito, oferecendo excelente oportunidade àqueles que dele se aproximam pela primeira vez, de familiarizarem-se com a complexidade das dimensões que o conceito comporta.

Regina Moran apresenta uma leitura original e uma interpretação muito bem fundamentada da formalização matemática que Lacan utiliza para dar conta da clínica. Em seu texto fica claro o encaminhamento que caracteriza uma psicoterapia em contraposição àquele que define uma análise. Suas considerações nos conduzem direto à resposta da questão que nos orientou: como, do impasse, é possível chegar ao ato de passagem? Qual a natureza do ato analítico? De que modo o analista se situa no lugar de semelante do objeto causa de desejo? Como o objeto do mais gozar se transforma em saber?

A presente edição d'aCarta cumpre primorosamente a função a que se destina: promover o debate e com ele, o avanço da teoria e da clínica psicanalítica. Esperamos que você, leitor, junte-se a nós neste percurso.

Regina Steffen  
Campinas, Outubro/2015

## A FANTASIA

A fantasia ordena a relação desejante que o sujeito mantém com o objeto: \$ ♦ a. Para Freud, a realidade psíquica é da ordem da fantasia, que se faz na montagem do simbólico e do imaginário, para suprir a falta do objeto da pulsão. Mas a fantasia também insinua que o Real está lá como base, sustentando a sua montagem. A pulsão está além de tudo que se encontra no lugar ordenado da linguagem: ela está além da fantasia, além dos objetos do mundo, além das imagens e dos significantes e além do princípio do prazer. Ela está no lugar que permanece fora de toda ordem corporal ou psíquica, para além de qualquer lei: o lugar da dispersão. É a partir do desejo deslizante e da linguagem que se pode deduzir a pulsão no real.

O desejo, que está na ordem fantasística, aponta para a pulsão, que está na ordem do real como energia dispersa que tem a potência de virar força direcionada quando for captada pela ordem dos significantes.

O real é o lugar de um corpo material, mas fragmentado, sem nenhum princípio de unificação. Ele não é organizado e nem totalizado, e é nesse corpo fragmentado que vão se constituir as zonas erógenas. É a mãe com seus cuidados, partindo do lugar da linguagem, que vai mapear esse corpo. Será ela que fará com que certas zonas se constituam como zonas erógenas. Esta é a sedução primeira e fundamental, que começa a introduzir no corpo a determinação simbólica.

A fonte da pulsão está mais propriamente num corpo anterior à erogenização e à sexualidade, e qualquer materialidade do corpo pode vir a ser erogenizada.

Esse corpo só será erogenizado ao receber os investimentos libidinais da mãe. A zona erógena se constitui no lugar da linguagem que ordena o corpo disperso. Ao erogenizar o corpo, a energia pulsional passa a ser qualificada como "libido", a energia da pulsão sexual.

A pulsão sexual precisa ser pensada como desejo, e sua intensidade – a libido – opera no campo montado pelo imaginário e pelo simbólico, que é o campo da realidade psíquica.

Lacan condena qualquer redução da fantasia ao imaginário. Nos "Escritos", ele afirma:

É por isso que toda tentação de reduzir a fantasia à imaginação, por não confessar seu fracasso, é um contrassenso permanente, contrassenso do qual a escola Kleiniana, que levou muito longe as coisas, não sai por não entrever a categoria do significante.

O imaginário humano tem uma falta, em oposição radical ao imaginário animal, que é pleno. No humano falta a inscrição da diferença sexual. O outro sexo não está inscrito e, portanto, falta a inscrição do objeto, que é objeto sexual em primeiro lugar. Esse é o objeto que será recortado pelos significantes do sujeito. A falta no imaginário é a falta real, definida por Lacan como ôntica.

A falta radical da inscrição do parceiro sexual vem a ser preenchida, mesmo que precariamente, pelo simbólico. A linguagem é que vem em suplêncio da falta real de inscrição no imaginário. Mas a linguagem fracassa na tentativa de preencher a falta, e essa falta real não deixa de não se inscrever, ou seja, inscreve-se repetidamente enquanto falta que diz respeito à sexualidade. O simbólico é, então, aquilo que advém da tentativa de suprir a falta de inscrição da diferença sexual no imaginário, constituindo-se em união entre o real e o imaginário.

Na teoria Freudiana, pode-se remeter o uso do simbólico na criança ao advento das chamadas teorias sexuais infantis. A criança produz a sua própria teoria sobre o sexual, já que lhe falta essa inscrição = teorias fantasiosas.

Na teoria Lacaniana, o recalque originário se institui como a fantasia inconsciente fundamental. A fantasia é então simbólica, em primeiro lugar, mas não deixa de ser imaginária e real. Ela participa dos três registros. O recalque originário é fruto da castração simbólica.

A fantasia inconsciente, na sua função simbólica, representa e presentifica a falta real no imaginário faltoso.

Mesmo na época de Freud e Breuer, o trauma já era reconhecido como efeito da alucinação que se dá em um segundo momento (T2) e não no primeiro (T1), o momento do suposto evento. Nesse momento teórico, as fantasias se enquadram na oposição entre o mundo interior, que tende à satisfação pela ilusão, e um mundo exterior, que impõe o princípio de realidade.

O inconsciente, submetido ao princípio do prazer, é o herdeiro desse mundo interior do sujeito, que é o único mundo que o sujeito conhece de início.

Freud, bem antes de "A Interpretação de Sonhos", admite que o trauma psíquico – que seria atribuído a um evento real de uma sedução sexual – é apenas um efeito da fantasia e a teoria da fantasia se desenvolveu concomitantemente com a evolução da noção do recalcamento, que estrutura o aparato psíquico na sua concepção tópica. A fantasia surge para mascarar a atividade pulsional infantil, da qual a criança não tem ainda como se defender, visto que seu aparato simbólico é pouco desenvolvido.

O que vem com a segunda tópica (id, ego e superego) é que o aparato psíquico ficará para sempre deficiente em relação à tensão gerada pela pulsão e em relação ao enigma do sexo.

Para Freud, o sexual é traumático, pois transborda a possibilidade de que o simbólico possa dele dar conta. Quanto maior o transbordamento da intensidade pulsional em relação à capacidade de captação e interpretação dessa intensidade pelo sistema simbólico da criança, mais marcante é o trauma.

Há um momento de sujeito pulsional sem nenhum acesso à simbolização que Lacan chama de sujeito acéfalo da pulsão. No segundo momento, já está constituído e estruturado o sujeito do inconsciente, sujeito traumatizado pelo real da pulsão, o real do sexo.

Como não temos acesso ao primeiro momento (esse momento de sujeito pulsional sem nenhum acesso à simbolização...) que seria real, esse transborda o simbólico para sempre.

A psicanálise constrói a teoria do recalque originário para pensar esse primeiro tempo. Esse recalque só se torna originário/primário com o advento do secundário.

Na álgebra lacaniana, sabe-se que S1 só se torna significante ao se articular com S2, que o interpreta e o afanisa ao mesmo tempo. Entre esses dois, o resto não simbolizável constitui-se como o *objeto* da pulsão, "o objeto a", que só proporcionou uma satisfação parcial, deixando algo mais, que continua a pressionar e a transbordar.

O sujeito tem suas fantasias fundamentais inconscientes voltadas para o aspecto imaginário da sua origem. Ele fará fantasias das cenas primárias, onde será explicada a origem do sujeito.

Suas fantasias de sedução teorizam a sua maneira original de lidar com a pulsão e com o sexo, e a fantasia de castração explica sua sujeição ao Outro e à sua lei: a lei da diferença enigmática, que o remete à diferença sexual.

Do ponto de vista estrutural da psicanálise, pode-se ver que todas essas fantasias remetem ao momento (ou processo) da aquisição da função simbólica pelo indivíduo e ao mito que a sustenta. A fantasia fundamental remete, então, ao recalque primário, que, por sua vez, remete o sujeito à sua fundação enquanto \$, o sujeito barrado.

No artigo "Escritores criativos e devaneios" (1907), Freud aproxima Mito e Fantasia ao afirmar que é muito provável que os mitos sejam vestígios distorcidos de fantasias plenas de desejos de nações inteiras.

A Fantasia pode ser pensada, analogamente, como conjunto de imagens colocadas em função na estrutura significante, onde passado, presente e futuro estão entrelaçados pelo fio do desejo.

Essa estrutura, enquanto estrutura da fantasia fundamental, permanece à parte do resto do conteúdo da neurose. Constitui uma significação fundamental, que proporciona um ponto de partida às séries significantes. A fantasia fundamental está na origem da estrutura significante apresentada pelo sintoma.

Assim como o mitema do mito, a fantasia fundamental não é evidente, porque é inconsciente e deve ser construída na análise.

A fantasia aparece como atemporal. Miller, em "Percurso de Lacan, uma introdução" diz que ela se reduz ao ponto do instante. A noção de tempo mítico permite pensar esse instante como o ponto que enlaça passado, presente e futuro, num tempo lógico e não cronológico, que só pode ser dito de maneira mítica, construindo-se a realidade psíquica no lugar da verdade real, que não pode ser dita.

Freud depois que abandona a realidade da sedução, passa à construção das cenas primárias como uma suposta realidade. Essas seriam estruturas fantasiosas típicas, que organizariam a fantasia.

Tem-se, assim, que a fantasia é determinada pelas pulsões que operam desde a mais tenra infância e pelas estruturas originárias reveladas pelas fantasias originárias. Pode-se notar aqui, que além do imaginário, também o real e o simbólico têm seus papéis decisivos na fantasia.

Estruturalmente, pode-se conceber o primeiro momento originário como ausência de elaboração subjetiva e de simbolização. Ele vai figurar como um vazio no seio do simbólico, uma expulsão que se refere à foracclusão. Visto do lado da estrutura, este momento articula o desejo do Outro. É a sedução enigmática do Outro que proporciona o

ingresso do sujeito na ordem simbólica, a ordem do Outro. Aqui aparece a fantasia originária como o recalque originário, função estruturante e não cena realmente vivida.

A fantasia originária remete, então, no plano individual e no plano transindividual, às questões de estrutura. Ela articula o fato de haver pulsão, a transcendência da ordem simbólica e o complexo de Édipo, assunção da função simbólica pelo indivíduo.

As fantasias originárias do indivíduo lhe oferecem solução para os enigmas da sua fundação.

No nível teórico, a fantasia originária articula a sedução do recalque primário, que funda a estrutura através da sua exclusão – a foracclusão. Por isso o sujeito não tem lugar marcado na fantasia originária: ela está no lugar e no momento nos quais o sujeito ainda não teve acesso à função simbólica, apesar de ter nascido para dentro do universo simbólico. Ele pode se localizar no verbo, mas ainda não como sujeito ou objeto.

Para que a pulsão da ordem do real se inscreva como desejo na ordem simbólica, é preciso que o sujeito passe pelo Édipo - uma estrutura que o inscreva no regime simbólico enquanto sujeito.

É o complexo de Édipo que opera a separação do sujeito de seu objeto; separação que resulta numa perda e que constitui a um só tempo, o objeto enquanto inexistente e enigmático, de um lado, e o sujeito clivado do outro = \$ ♦ a.

Ao deparar-se com a sedução como sujeição à ordem do Outro, a criança coloca sua primeira questão: o que o outro quer de mim?

A ausência da mãe revela à criança que a mãe é desejante e que ela própria, a criança, não satisfaz o desejo da mãe. A mãe deseja algo mais, despertando, desse modo, o desejo da criança.

Ela, a criança, vai se oferecer, como objeto, ao desejo enigmático da mãe, como corpo ou pedaços destacados do corpo. Tentará se fazer um objeto para a mãe, para que não precise se deparar como enigma ao desejo do outro e com o seu próprio desejo, os quais colocam questões que para ela são insolúveis e, portanto, traumáticas.

A fantasia é um mecanismo que se põe em ação quando se manifesta o desejo do outro.

A fantasia \$ ♦ a é a resposta para solucionar o S (A). A fantasia fundamental, que se forma nesse momento da fundação do sujeito, forja uma resposta a esse significante que falta ao Outro.

A fantasia é uma tela sobre o real que, afigurando-se como tela, evidencia também que há algo por trás dela, um vazio, a falta real. Enquanto tela, permite ao sujeito criar um objeto no lugar do objeto falso, nomeando um objeto enquanto seu objeto na tentativa de anular a barra pela qual está cindido.

A fantasia vai se munir do corpo para produzir o objeto "a", e seguirá os trilhos da pulsão atuando no regime dos significantes. Operada a travessia da fantasia na cura ao Outro serão oferecidos significantes e não mais pedaços de corpo.

Um processo psicanalítico que tem como objetivo a travessia da fantasia é um processo que leva em consideração a segunda tópica freudiana e o real da teoria lacaniana.

A prática da psicanálise começou pela interpretação no regime do simbólico, mas quando Freud chega - de um lado - ao umbigo do sonho, e - de outro - à fórmula seca, impessoal e enigmática da fantasia, tem de admitir que o simbólico não dá conta de tudo. A interpretação choca-se com a insistência da fantasia, que não cede.

Se a fantasia é uma relação do sujeito com o objeto, cumpre fazer atos analíticos que modifiquem essa relação. Se essa relação sofreu uma impregnação e estagnação imaginária, poderá passar a ser articulada e regulada pelo deslizamento simbólico.

## Bibliografia

Garcia – Rosa, L. A. *Acaso e Repetição em Psicanálise: Uma introdução à teoria das Pulsões*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

Kauffmann, P. *Dicionário Encyclopédico de Psicanálise. O legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

Nasio, J. D. *A Fantasia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

Wine, N. *Pulsão e Inconsciente. A sublimação e o advento do sujeito*, Rio de Janeiro, Zahar, 1992.

**Formalização da análise terminada e interminável por Lacan:  
iterações que podem ou não levar à travessia do fantasma**  
**Regina Célia de C. P. Moran.**

## **Introdução**

Lacan abriu o caminho dos matemas. Aplicou conceitos da matemática na psicanálise. Desvendou estruturas onde conceitos gerais como Outro, outro, objeto a, traço unário, significante mestre, podem ter funções diferenciadas tanto como constantes, quanto como variáveis , parametrizando equações como a fórmula inicial ( $\frac{1}{a} = 1 + a$ )que está na gênese das sequências crescente e decrescente.

O horror ao puro simbólico da matemática ou a paixão que isto pode despertar têm sido obstáculos para o aproveitamento deste esforço de Lacan. Aos apaixonados falta a ortodoxia que os seduz. Aos horrorizados sobra a crença de que tudo isto é perfeitamente dispensável, herança dos traumas vivenciados na aprendizagem dessa disciplina.

Este artigo quer exorcizar estas duas paixões em proveito do ganho na transmissão da psicanálise: um conhecimento transmissível. Que ela não seja o discurso que dela se faz. Que o discurso deste conhecimento, ainda em desenvolvimento, seja extenso e contínuo. Que também não baste e não falte, como necessária e não suficiente, a experiência que dela se faz como analisando. Que não se garanta a sua prática a partir apenas das supervisões. Neste tripé da formação do analista, (estudo continuado, supervisão, e análise pessoal) deve se agregar um saber que vem da análise, um saber de ordem diferente, ao qual o analista pode recorrer com seus analisandos. Trata-se do saber sobre o gozo, sobre a castração e sobre a verdade, indispensável para o analista ocupar o lugar de agente como o objeto causa de desejo, no discurso que o especifica. Há que se reinventar a psicanálise? Sim, mas não tanto... O estilo pessoal de cada analista, quando marcado por esse saber que Lacan nos revelou, ganha consistência.

Consistência que este texto visa elucidar com o emprego que Lacan fez das fórmulas recursivas em matemática, metaforizando modelos de repetição e ilustrando dois caminhos que a repetição pode tomar conforme a dinâmica da castração. Esses caminhos são também

paradigmáticos de dois fins que o retorno do recalcado pode ter: uma modificação na estrutura do fantasma que inaugura uma relação outra do sujeito com seu objeto, chamada "travessia do fantasma", ou então a manutenção do eterno retorno do recalcado.

Os encaminhamentos desenham duas normas que marcam lugares subjetivos radicalmente distintos do analisando. Podemos pensar no neurótico com estrutura histérica como um sujeito que se situa na análise encaminhando sua demanda por meio de uma sequência decrescente, o que possibilitaria que sua análise tenha um fim. Tomado este paradigma como o encaminhamento desejável da análise há toda uma gama de fuga desta norma nas paradas, demoras, delongas, adiamentos, suspensões. O analisando pode inclusive interromper a análise, mas saberá que ela não está terminada. O modelo tornado singular nos achados de cada caso pode lançar maior entendimento do processo.

Nos seminários de 1966 a 1969, *A Lógica do Fantasma*<sup>1</sup> e *De um Outro ao outro*<sup>2</sup>, Lacan recorre a sequências de Fibonacci e a séries correlativas. Através dessas últimas, ele articula as escolhas do sujeito barrado em dois possíveis protótipos de ocupação de lugar na relação com o Outro e na relação com o objeto *a*. Essas escolhas são regidas recursivamente pelo significante mestre, o shifter<sup>3</sup> da repetição.

O tratamento dessas sequências e séries correlatas visa a permitir maior entendimento destes modelos, que podem trazer luz à operação da clínica lacaniana. Qualquer entendimento dessas articulações depende do saber anterior dos conceitos lacanianos de sujeito barrado, Outro, significante mestre e objeto *a*, uma vez que estarão representados, via formulação matemática, nos elementos que compõem tanto as sequências quanto suas séries correlatas.

---

1 Lacan, J. (1966-1967) *A Lógica do Fantasma*, Publicação não comercial, Centro de Estudos Freudianos do Recife, outubro de 2008.

2 Lacan, J. (1968-1969) *O Seminário, livro 16, de um Outro ao outro*, Zahar, Rio de Janeiro, 2008.

3 O que desloca ou empurra, *Novo Michaelis, volume I, Inglês-Português*, 2<sup>a</sup> Edição, Edições Melhoramentos, São Paulo, Brasil, 1958.

## A Fórmula Inicial e o valor de a.

Lacan, em A significação do falo, afirma:

Que o falo seja um significante impõe que seja no lugar do Outro que o sujeito tem acesso a ele. Mas, como este significante só se encontra aí velado e como razão do desejo do Outro, é este desejo do Outro como tal que se impõe ao sujeito reconhecer, isto é, o outro enquanto ele mesmo é um sujeito dividido pela Spaltung significante<sup>4</sup>.

A razão do desejo do Outro que é traduzida numa formulação matemática como  $1/a$ , é equacionada por Lacan numa “fórmula inicial”<sup>5</sup>:

$$\frac{1}{a} = 1 + a$$

Essa fórmula inicial permite pelo menos três leituras não excludentes e nem tampouco exaustivas.

Uma primeira leitura dessa formulação algébrica é: a razão do desejo do Outro ( $\frac{1}{a}$ ), razão que equaciona a relação entre o lugar chamado Outro (1) e a perda ( $a$ ) igualada ao efeito da perda como ganho de saber. Por tratar-se de uma perda relativa a um todo (Outro) representado por (1), o valor dessa perda impõe-se como menor do que um e maior do que zero. Consequentemente a razão ( $\frac{1}{a}$ ) é um número maior do que um. O efeito da perda então, sendo um número maior do que um, pode ser escrito numa relação de adição entre o número (1) e algum número positivo. Lacan toma esse número positivo como sendo  $a$ . O efeito da perda proposto por Lacan vem representado na fórmula inicial como  $1+a$ .

Numa segunda leitura, Lacan<sup>6</sup> considera o campo do Outro (1) como o campo da verdade que não sabe de si, então a razão ( $\frac{1}{a}$ ) expressa a relação entre a verdade (1) e o saber ( $a$ ). O sinal de igual na fórmula inicial revela que por efeito da perda (castração) à verdade se soma o saber a mais. Como efeito da perda, em  $1+a$ , o (1) vem

<sup>4</sup> Lacan, J. *Escritos*, Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.700.

<sup>5</sup> Ibid. (2), p.126.

<sup>6</sup> *Ibidem* (2), pág. 195.

representar o um Outro, o Outro onde há do Um, o Outro de cada um, ou seja, um estado transformado do Outro. Já a parcela ( $a$ ) representa a transformação da perda em causa do desejo.

Uma terceira leitura da fórmula inicial destaca que do lado esquerdo da equação a razão ( $\frac{1}{a}$ ) escreve a relação entre o Outro (1), ainda não conhecido e medido, e a perda ( $a$ ) que pode inaugurar a inscrição de um significante mestre ao reconhecer a falta de significante no Outro. Aqui o sinal de igual corresponde ao um Outro, conhecido e medido, daí o  $a$  transformado em causa de desejo.

Assim é que cabe nomear a fórmula inicial de matema, uma vez que sua leitura psicanalítica diferencia o (1) e o  $a$  situados nos dois lados da igualdade da equação. Uma leitura matemática implicaria que o (1) e o ( $a$ ) seriam os mesmos nos dois lados da igualdade.

A fórmula inicial metaforiza a dialética da origem da repetição e, pode-se encontrar sua formulação quando Lacan escreve: "*Desenhasse, pois, uma relação entre o efeito de perda, ou seja, o objeto perdido que designamos por a, e o lugar chamado Outro, sem o qual ele não poderia se produzir, um lugar ainda não conhecido e não medido*"<sup>7</sup>; em forma do matema:

Esta é a perda de que trata a castração, esta relação inicial com o Outro, e que na fórmula inicial passa para o lado direito numa equação de igualdade com a adição de (1) com ( $a$ ). Do lado direito da equação agora (1) designa um Outro, resultado do processo de castração, um Outro agora conhecido e medido, diferentemente do primeiro Outro. Ele pode ser conhecido pela mudança de estado de cada significante  $S_1$ . Quando o Outro é barrado, ou seja, quando sua falta é reconhecida, o  $S_1$  significante mestre da onipotência do Outro, perde seu valor de garantia da demanda de amor. O Outro agora tem de ser reconhecido como desejante, descobri-lo desejante é descobri-lo castrado.

Este é o saber a mais, saber sobre a verdade, saber que caracteriza o Outro como castrado e institui o sujeito dividido. Opera-se deste modo a separação do Outro para um Outro, passando o  $S_1$  do sem sentido para o efeito de sentido. Ao final desse processo de reconhecimento, o um Outro, ou Outro no qual há do Um, com cada marca significante reconhecida, carimbada, pode agora ser chamado apenas Outro. E o Outro da alienação passa a ser apenas outro: por isto de um Outro ao

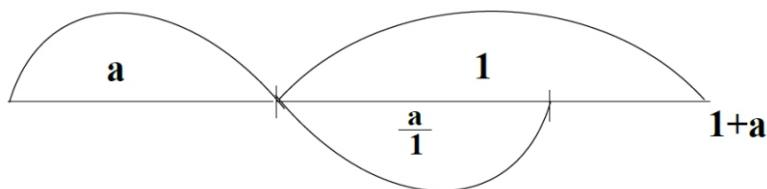
---

<sup>7</sup> *Ibidem* (2), pág. 125.

outro. Mamãe agora é apenas uma mãe. O conhecimento deste Outro é possível, pois cada vez que S<sub>1</sub> encontra novo significado, novo sentido se produz; passamos ao Outro capaz de efeito de sentido.

Este é o saber a mais, saber sobre a verdade, saber que caracteriza o Outro como castrado e institui o sujeito dividido. Opera-se deste modo a separação do Outro para um Outro, passando o S<sub>1</sub> do sem sentido para o efeito de sentido. Ao final desse processo de reconhecimento, o um Outro, ou Outro no qual há do Um, com cada marca significante reconhecida, carimbada, pode agora ser chamado apenas Outro. E o Outro da alienação passa a ser apenas outro: por isto de um Outro ao outro. Mamãe agora é apenas uma mãe. O conhecimento deste Outro é possível, pois cada vez que S<sub>1</sub> encontra novo significado, novo sentido se produz; passamos ao Outro capaz de efeito de sentido.

Para desdobrar passo a passo os caminhos da relação entre o Outro e as perdas potenciais, caminhos pelos quais se dão a passagem do lado esquerdo para o lado direito da fórmula inicial, ou seja, de um Outro ao outro, Lacan passa a utilizar a representação geométrica da fórmula inicial.



Essa representação geométrica lê-se da seguinte maneira: existe o segmento de comprimento (a) tal que a relação da parte de comprimento (1) com a parte de comprimento (a) seja a mesma que a do segmento todo (1+a), com a parte maior (1). O (1) é maior do que (a) que por sua vez é maior que zero e menor que (1).

A representação algébrica deste enunciado geométrico é a fórmula inicial.

$$\frac{1}{a} = 1 + a$$

Para buscar o valor de  $a$  que satisfaça esta fórmula inicial, por manipulação algébrica<sup>8</sup>, caímos numa equação de segundo grau.

$$a^2 + a - 1 = 0$$

E , dentre as soluções possíveis, ficamos com a solução que tem o valor numérico entre zero e um, maior que zero e menor que um:

$$a = \frac{-1 + \sqrt{5}}{2}$$

Essa solução é o número áureo, o valor que Lacan adota como representante metafórico da perda  $a$  diante do Outro (1), perda necessária à inscrição da falta no Outro.

Esta construção de Lacan, feita em várias referências, pode ser encontrada nos Anexos do seminário *De um Outro ao outro*<sup>9</sup>, ilustrando que o valor de  $a$  corresponde ao número áureo e é o mesmo valor nas sequências de Fibonacci e séries correlatas.

O Outro é representado por (1), a perda, a falta e também a causa do desejo é representada por  $a$  , cujo valor aproximado é 0,618. Note-se que deste modo a perda representada é maior que a metade de (1)! Além do mais  $a$  corresponde a um número real e irracional.

O conjunto dos números reais é composto pelos números naturais, os inteiros, os racionais e os irracionais. É fato que: qualquer número racional tem expansão decimal finita ou periódica infinita, também denominada dízima. Porém para satisfazer a fórmula inicial o  $a$  é um número real irracional: um número com expansão decimal infinita e não periódica. Há expansões não periódicas infinitas que podem ser especificadas por alguma regra. Como exemplo considere: 0,0100100010001...Há aí uma regra que permite ao matemático conhecer a expansão infinita como se fosse periódica. Ou seja, ele pode escrever o dígito que ocupa qualquer casa na expansão infinita. Já num número irracional não há regra para sua expansão decimal infinita, e

<sup>8</sup> A manipulação algébrica consiste em multiplicar por  $a$  os dois lados da igualdade e subtrair 1 dos dois lados da igualdade.

<sup>9</sup> *Ibidem* (2,)pág.395.

desse modo este número não pode ser escrito. Um exemplo conhecido é o número  $\pi$ , o irracional mais conhecido da história: aproximadamente 3,141. Esse número pode ser representado simbolicamente — pela letra grega  $\pi$ . O número  $\pi$  é impossível de ser todo escrito numa sequência numérica, pois é impossível determinar o dígito em cada posição nessa sequência, uma vez que não se atinge seu último algarismo e não há regra para determiná-lo. Apenas um símbolo dá conta de representá-lo, só isto já basta para evidenciar que a letra é capaz de representar o real impossível. Assim para a escrita de irracionais dispomos de uma notação simbólica já que não há uma expressão direta do valor numérico exato, para isso só dispomos de aproximações. Ao escrever sua expansão decimal infinita fica sempre faltando um resto.

Voltando ao  $a$  da fórmula inicial, temos um valor de perda maior que a metade de (1), que constitui o índice de uma determinada magnitude da castração. De qual castração estamos falando? Lacan, no seminário VI define assim a castração:

Resulta que o sujeito deva empregar para designar-se qualquer coisa que é tomada às suas custas. Não às custas do sujeito constituído na palavra, mas às custas de sujeito real, vivente, às custas de alguma coisa que, não é absolutamente um sujeito. O sujeito, pagando o preço necessário a este se dar conta de si mesmo como falho, é assim introduzido à dimensão sempre presente cada vez que se trata do desejo — ter de pagar a castração.

Dito de outra forma, qualquer coisa de real, sobre a qual ele tem escapado numa relação imaginária, é levada à pura e simples função de significante. Este é o sentido último, o sentido mais profundo da castração como tal<sup>10</sup>.

Freud desenvolveu amplamente a castração na dimensão diacrônica: as famosas fases oral, anal, fálica e genital. Lacan tratará de pesquisar a dimensão sincrônica da castração, aquela que dá conta da relação do sujeito com o significante, à custa de uma falta que o sujeito paga com a perda de seu ser.

10 Lacan, J. (1958-1959). *Le Séminaire livre VI, Le désir et son Interpretation*, tradução da autora, Éditions de La Martinière et Le Champ Freudien Éditeur, juin 2013, p.435.

O objeto *a* é o nome dessa perda que corresponde à falta de significante no Outro, tornando-se neste mesmo ato causa de desejo do sujeito que castrado conquista seu um Outro. Esse objeto *a* não admite expressão decimal infinita e conhecida. Dele fica sempre um resto impossível de se escrever. Assim *a* é consoante com o que Lacan define como o real que não se escreve. A *expressão desse mal* no real não se escreve... Não há Lei conhecida que determine a escrita deste resto.

### **Dois encaminhamentos da repetição: do eterno retorno ao impossível de retornar.**

Esse objeto *a* como o real impossível de se escrever convoca a repetição que dependendo de seu encaminhamento constituirá o eterno retorno do mesmo ou, possibilitará o retorno na forma do novo.

O ser humano na sua relação com o desejo, sempre ali mascarado, coberto por coloridos retalhos de histórias costuradas de sentido obscuro, quando confrontado na análise com o eterno retorno do recalcado, pode experimentar pela via do ato analítico o paradoxo do impossível retorno ao momento anterior ao ato! Se há ato é impossível ser desfeito, ou seja, o sujeito não pode desdizer-se, pois o ato carreia a perda e desmascara o desejo.

Podemos reconhecer aí pelo menos duas possibilidades de ordenamento na dialética do ser humano com seu desejo: um ordenamento bem-sucedido que corresponde a uma castração sem tropeços. Outra possibilidade, um desordenamento que contempla as fugas dessa ordem, marcas dos avatares pelos quais a experiência do desejo passa pela demanda. A repetição, formatada por uma ou outra dessas duas possibilidades permite o uso, como matema, de sequências de números reais: dados os termos iniciais da sequência todos os seguintes termos podem ser calculados, daí a adequação para metaforizar a repetição na sua dimensão diacrônica.

Foi esta condição dada pela matemática que possibilitou a Lacan modelar dois tipos distintos de repetição: uma infinita ilimitada e outra cujo limite possível leva ao fim da análise.

O conceito matemático de sequências presta-se a metaforizar a repetição, e o correspondente conceito de séries é candidato natural para metaforizar para onde se é levado pelas sequências, ou seja, o caminho da repetição.

O conceito de sequência define que dados os dois primeiros termos, os

demais estão determinados pela lei de formação dessa sequência. Na psicanálise lacaniana, uma vez impresso o traço unário e seu significante mestre, a lei da repetição está sancionada; a sequência de significantes mestre já faz parte da escolha forçada entre os significantes disponibilizados pelo Outro, ou seja, resultantes da repetição.

Já as séries, que generalizam o conceito de soma para uma sequência infinita de termos, somam termo a termo os elementos da sequência e, como tal, o resultado dessa soma é um bom representante do limite, ou falta dele, neste processo cumulativo. Na psicanálise lacaniana o limite da série vai então representar a convergência, ou não, para o advir do sujeito lá onde Isto era, na dependência do modo como a repetição foi vivenciada na história desse sujeito.

Lacan constrói então duas sequências, duas formulações recursivas, ambas supondo válida a fórmula inicial. Elas são paradigmáticas de dois encaminhamentos possíveis do ordenamento na dialética da demanda de amor e da experiência do desejo: a sequência decrescente — que formula esse ordenamento conforme um bom encaminhamento — e, a sequência crescente — que metaforiza o desordenamento que resulta dos tropeços nesse mesmo encaminhamento. Podemos também ver as sequências como passos de dois jogos da ex-sistência regidos por duas leis distintas.

### A sequência decrescente.

A sequência decrescente formulada por Lacan<sup>11</sup>, é uma sequência que na matemática chama-se progressão geométrica cuja razão é  $a$ , ou seja, cada termo é o anterior vezes  $a$ . Escrevemos então:

$$a, a^2, a^3, a^4, a^5, a^6, a^7, a^8 \dots$$

Observando que sendo  $a$  menor do que 1, a potência de  $a^n$  tende a zero quando  $n$  cresce, ou seja, estamos falando de uma magnitude de perda, que diminui com a diacronia bem-sucedida da castração.

Essa sequência é candidata a representante de uma análise cuja evolução tenha alcançado o ordenamento, para o analisando, de sua dialética da demanda de amor e da experiência de seu desejo. Veremos que essa sequência é resultado da conjugação entre valores alternados dos parceiros: Outro e outro. A série correlata à sequência permite conhecer e medir o Outro. Podemos pensar num jogo de duração finita, duração determinada pela regra de parada com a proximidade suficiente ao limite, pois o limite existe e é conhecido. No limite está o significante

11 Ibidem (2), pág. 127.

da falta no Outro na forma do traço unário ou do recalque primário.

Mas, de onde surgiu essa sequência? Lacan partiu da fórmula inicial para pensar a relação do Outro e a perda *a*.

Na análise, ou mais geralmente no cotidiano, essa relação entre o Outro e a perda se dá numa repetição que tem o traço unário como agente. Os dois lados da repetição entram num jogo com a carta marcada do traço unário. O movimento neste jogo é determinístico, sobredeterminado pelo mecanismo da repetição. Não se trata de um passeio aleatório, mas de um itinerário pré-determinado.

O Outro entra com seu enxame de  $S_1$  (homofonia da palavra enxame em francês: essaim). Estes só se acumulam no sem sentido que os caracteriza. A sequência de Fibonacci que representa o significante mestre como determinante da repetição é dada por:

0, 1, 1, 2, 3, 5, 8 ,13... (sequência de números inteiros que representa a participação do Outro no jogo significante, cada um dos inteiros é um  $S_1$ , que se reproduz em enxame).

Cabe destacar dois pontos na sequência acima: a partida da sequência no zero representa a falta de significante no Outro; essa falta que ao ser notada faz a marca pela inscrição do traço unário como o primeiro (1), base da identificação subjetiva original, e a partir daí nessa sequência os inteiros que vêm na suplência da falta e que são puras inscrições de significantes mestre.

No processo de subjetivação, à sequência de inscrições de significantes mestre corresponde uma sequência de perdas. A cada revelação de uma identificação alienante pela sua correspondente separação, há uma perda, uma retirada na bricolagem imaginária. Lacan, ao perguntar-se se a identificação na análise é meta ou obstáculo, nos deixa saber que :"  
*...talvez seja bom instar as pessoas a fazê-la, mas que ao mesmo tempo ela se desfaça. Do fato de ela se desfazer, justamente por ter sido feita, pode aparecer alguma coisa diferente, que, no caso, chamaremos de furo*<sup>12</sup>".

Nesse modo de repetição decrescente, onde para cada inscrição significante mestre corresponde uma perda, a sequência das perdas estará adiantada em relação a dos inteiros, ou seja:

1*a*, 1*a*, 2*a*, 3*a*, 5*a*, 8*a*, 13*a*, 21*a*... (sequência de múltiplos de perda que representam a participação do outro no jogo significante, no processo de subjetivação.).

Na luta para subjetivar-se o sujeito sempre perde mais do que o Outro

---

12 Ibidem (2)Pág.163

inteira. A sequência que corresponde às jogadas do pequeno outro dá início à partida, em múltiplos de perda que estarão sempre um passo à frente da sequência que corresponde às jogadas do Outro na sua insistência em inteirar-se.

O sinal positivo de cada inteiro indica a vez na jogada. Na sequência dos inteiros correspondentes ao Outro, o sinal negativo indica que é a vez do outro.

0,1,-1,2,-3,5,-8,13... (sequência que representa a alternância da vez do Outro no jogo significante a partir do segundo termo (1)).

Já na sequência que representa o outro, que é quem começa o jogo, o sinal negativo indica a vez do Outro.

1a, -1a, 2 a, -3 a, 5 a, -8 a, 13 a, -21 a... (sequência que representa a alternância da vez do outro no jogo significante a partir do primeiro termo (1a).).

Das duas sequências acima podemos representar o jogo do sujeito entre o Outro e a outro, que aqui paga para ver a falta no Outro, aqui o outro aceita perder.

O resultado do jogo é dado pela operação de adição do que o Outro e o outro apostam a cada lance, é o que Lacan<sup>13</sup> constrói :

a; 1-a; 2 a-1; 2-3 a; 5a – 3; 5- 8 a; 13a – 8; 21a -13 ... (sequência de resultados do jogo significante).

Este jogo corresponde a uma identidade com a sequência de perdas e o saber correspondente em função de  $a$ , função de potências de  $a$ , ou seja, a sequência geométrica cujo termo determinante é  $a$ :

$a; a^2; a^3; a^4; a^5; a^6; a^7; a^8\dots$  (sequência geométrica de potências de perdas, que representam o resultado do jogo entre o Outro e o outro a cada passo do processo de subjetivação).

Das duas sequências acima podemos representar que no primeiro passo da castração a falta do significante no Outro representada pelo zero entra no jogo para produzir a perda de magnitude  $a$ :  $1a - 0 = 1a = a$ . Esse  $a$  é o primeiro termo da sequência de potências de  $a$ . Aqui o Outro é um zero, ilustre desconhecido, a não ser pela inscrição significante que a perda marca, e marca por um significante mestre que vem em suplêncio à falta.

À segunda inscrição de perda, agora de magnitude  $a^2$ , corresponde um novo significante mestre, extraído do enxame de S1 originário.

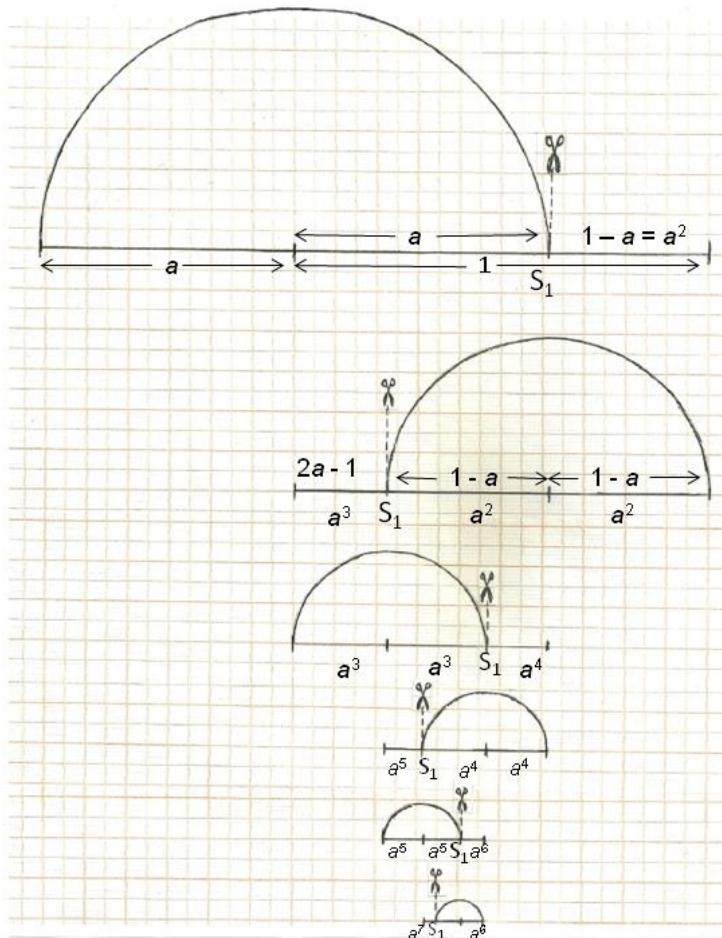
Lacan<sup>14</sup> representa geometricamente este movimento de subjetivação nos rebatimentos sucessivos. Esta ilustração gráfica dobrada, onde são superpostos os passos dos rebatimentos sucessivos, trata da aplicação repetida da formulação geométrica a cada rebatimento. Ilustramos

13 Ibidem (2) pág.127-138.

14 Ibidem (2).pág.129.

abaixo o desdobramento da representação no passo a passo do processo de castração.

A cada tesourada um saber sobre o Outro transita a um Outro, e o segmento que se separa pelo corte torna-se uma representação desse saber. O ponto de corte constitui um encontro no qual comparece um significante mestre que representa o sujeito para outro significante, dialetizando desse modo no conjunto enumerável dos  $S_1$ , o um Outro ( $S_2$ ): é da reunião dos saberes sobre o Outro que o (1) do um Outro resultará no fim do processo, constituindo a partir do enxame de  $S_1$  o conjunto dos significantes mestre que compõe o um Outro, agora do sujeito. Do lugar do código ao lugar do tesouro dos significantes, e no processo de subjetivação a caça ao tesouro!



Não é uma questão de fé, mas os seguintes resultados são matematicamente demonstráveis, e podem ser observados pelos rebatimentos sucessivos desdobrados.

$a + a^2 + a^3 + a^4 + \dots = 1+a$  ( a soma de todas as perdas é igual ao um Outro com o saber a mais, o saber sobre a castração).

Note que esse (1) é a colagem dos pedaços cortados a cada perda sucessiva...assim é construído o saber do um Outro.

Ou seja,  $1+a$  é o resultado final dos cacifes postos em jogo. Trata-se do capital inicial posto em jogo pelo sujeito que paga para ver a incompletude do Outro, e ganha seu um Outro e o saber a mais transformado em causa de desejo. O limite do processo da repetição sinaliza o ponto final do processo, o significante da falta no Outro, ponto do qual a aproximação pode ser suficiente, embora nunca total.

Esse (1) da chegada ao final do processo não é mais o (1) do começo, é um (1) que se decompõe numa soma infinita cujos termos correspondem a sucessivas des-identificações. O próprio  $a$  ficando excluído da soma que corresponde ao (1) no limite  $1+a$ .

É oportuno esclarecer que o (1) na origem, o (1) do numerador do lado esquerdo da fórmula fundamental, ( $\frac{1}{a}$ ), está representando o traço unário, que originalmente constitui uma identificação ,mas que ainda não pode ser considerada uma representação do sujeito. Lacan chamou o traço unário de significante mestre, para designar uma segunda imobilização do sujeito, agora simbólica e não apenas imaginária. A identificação imaginária é o resultado do acúmulo, do enxame, de significantes mestre sem circulação ao longo da cadeia, isolados das conexões. Este lado da fórmula fundamental descreve então uma inércia do encontro de duas constantes, o  $a$  e o (1), o sem sentido de ambas as constantes. Já, diferentemente o (1) do lado direito da fórmula fundamental, parcela do limite  $(1+a)$ , reúne o enxame dos significantes mestre dialetizados, como ilustrado nos rebatimentos, cada significante representando o sujeito para outro significante numa circulação ao longo da cadeia. Esta então é a medida do campo do Outro diferente de sua pura e simples inscrição como traço unário. Uma medida em que o (1) se escreve como soma das perdas acumuladas no processo, soma de elementos discretizados correspondentes aos significantes mestre após efeito de sentido.

A constante  $a$  acompanha correlativamente a transformação do Outro. Do lado esquerdo cumpre a função de objeto de uma fixação de caráter imaginário do traço unário, totalmente sem sentido subjetivo, expressão absoluta do desejo do Outro. Do lado direito o  $a$  compõe com (1) de forma aditiva uma versão real do saber revelado do sem sentido, um saber a

mais, determinando assim a dimensão da falta como causa de desejo, agora, do sujeito.

E o que isso representa num processo de análise?

Justamente que a repetição é a responsável por tornar conhecido o Outro, no delineamento da relação entre o lugar chamado Outro — o lugar do traço unário, antes desconhecido e não medido — e a perda. O (1) do traço unário que figura do lado esquerdo da fórmula inicial, passa para o lado direito como um Outro: esse (1), um Outro, se escreve na série que representa os efeitos acumulados das sucessivas perdas: a castração.

Então, a série correlata à sequência decrescente metaforiza o processo bem-sucedido de uma análise, ou de uma vida adequadamente dialetizada. O obscuro do desejo oculto pelas histórias coloridas de sentido, desvela-se pelos efeitos de sentido. Aqui há a travessia do fantasma, o sujeito após arriscar sucessivas perdas, acumular essas perdas, pode aparecer como sujeito de desejo, pois, Lacan afirma:

*Ora, no Outro, neste discurso do Outro que é o inconsciente, alguma coisa falta ao sujeito... Isto que aí falta é precisamente aquilo que permitirá ao sujeito de aí identificar-se como o sujeito do discurso que ele sustenta. Do contrário, enquanto que este discurso é discurso do inconsciente, o sujeito aí desaparece<sup>15</sup>.*

Esse encaminhamento da análise depende de a divisão do sujeito ser por ele admitida, podendo então ocupar o lugar onde é e não pensa ou onde pensa e não é, renunciando à posição do sou e penso — esta simultaneidade que assegura o sujeito de verdades e certezas. A divisão bem-sucedida é aquela na qual a sucessão das perdas converge para uma nova ordem entre o ser e o pensar estabelecida pelo saber irreversível da falta e a negativação do falo.

Aí o sujeito renuncia ao ser (das identificações) em favor do penso, sacrificando o ser em favor do pensar: penso onde não sou. Trata-se da primeira inscrição da perda correspondente ao significante mestre que está na gênese da cadeia que vem suprir o primeiro encontro com a falta de significante no Outro, subjetivação do traço unário mobilizado pela falta de completude do Outro. O sujeito agora está representado juntamente com a perda correspondente. Após este corte no Outro, inscrição subjetivante da falta, esse Outro denso na sua constituição de simples inscrições de traço unário, enxame de S<sub>1</sub>, passará de compacto a enumerável pela operação de sucessivos cortes. Assim é que se dá a

---

<sup>15</sup> Ibid. (10), p.435.

passagem a um Outro. Aqui as inscrições de significantes mestre formam um conjunto enumerável e não mais compacto. O Outro que era denso e uno tornou-se um Outro enumerável, compõe-se de elementos discretos possíveis de serem contados. O traço unário desliza pelo efeito de sentido produzido pela articulação significante, representando o sujeito na simultaneidade do saber e das perdas correspondentes. Esse um Outro é agora o Outro marcado pela falta e o saber a mais. O um Outro do sujeito, seu inconsciente.

A cada termo da sequência, a cada corte, um ponto se inscreve no segmento, um significante mestre é simbolizado. A quantidade desses pontos é enumerável, pois a cada um corresponde um termo da sequência. A cada corte um significante mestre é destacado do Outro denso, enxame de S1, puro acúmulo de significantes que não se articulam entre si.

Assim se dão as passagens sucessivas entre alienação- verdade-separação. À alienação correspondem as inscrições primeiras dos significantes mestre, verdade e separação são operações posteriores. A cada passo essas operações correspondem à revelação da verdade de cada inscrição do significante mestre, cada qual tentando representar a falta de significante no Outro:

### S(A)

Primeiro significante representante do nada, significante da falta cuja inscrição é simultânea à inscrição da perda. A essa primeira inscrição sucedem-se uma após outra na insistência de representar a falta de significante no Outro, este nada sobre o qual há um saber.

Essas sucessivas passagens, dependem da admissão da divisão subjetiva pela negação do cogito: ser e pensar. Passagens do sou e não penso do traço unário, para o não sou e penso dos significantes mestre. Em cada uma dessas passagens desfaz-se as identificações alienantes dos significantes que inscrevem, em enxame, o traço unário. Passagens essas simultâneas de efeitos de representantes inscritos do traço unário, efeitos de desfazer identificações. Transições por instantes de verdade que quando completadas correspondem a uma mudança para um Outro, e o Outro da origem se torna apenas outro. Passa-se assim de um Outro ao outro.

O Outro que antes se oferecia potente na recuperação de tudo que foi perdido, agora perde esta potência e onde era Isto, Eu advenho. Nesse processo, a falta do Outro se inscreve subjetivamente. Aqui há portanto ganho de saber, do saber que não se sabia.

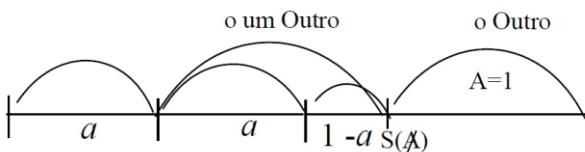
Esse um Outro não é mais insistente na sua infinita repetição. O um Outro do sujeito apropriou-se de um saber que esvazia o Outro da alienação, inaugurando um Outro pela separação. Aí um novo arranjo da divisão subjetiva é possível, culminando na travessia do fantasma, com a consequente desmontagem definitiva da repetição de origem. A repetição agora vem moldada pela causa de desejo. O objeto  $a$  é aqui a digital do sujeito caracterizando sua singularidade no movimento perene do desejo. Nesta condição o sujeito não cede de desejar, não cede de seu desejo.

Soler<sup>16</sup> aborda a questão da análise terminada considerando uma mudança no modo de gozo. Quando os  $S_1$  passam pelo processo de subjetivação, eles perdem sua potência, os  $S_1$  são gozados no processo da análise. A palavra de verdade saturada de gozo-sentido [joui-sens] cessa um modo de gozo em proveito de outro. O gozo que marca o fim, a aproximação suficiente, põe fim ao gozo que sustentava o processo de repetição. Ela nos lembra de que o inconsciente fora de sentido não está fora do gozo.

Lacan<sup>17</sup> utiliza essas formulações matemáticas para operacionalizar os elementos básicos de seu ensino. Elas servem para representar a operação analítica e sua conclusão, que passa pelo retorno à origem, desmontando o eterno retorno pela ultrapassagem da rocha da castração. Da representação gráfica de Lacan que segue abaixo, podemos ver que entre o Outro (A), e o um Outro, está o ponto de corte: significante da falta no Outro,

$$S(A)$$

Esse ponto de corte é também o resultado da soma dos termos da sequência, de tal forma que  $1+a$  coincide com o significante da falta no Outro, ou seja, no limite do processo de subjetivação o que se encontra é o significante da falta no Outro.



16 Soler,C.( 2013) *El fin y las finalidades del análisis*, Buenos Aires, Letra Viva, 2013,pág.34

17 Idem (1) págs. 228 ,256,257,323.

Na figura que segue estão representados o Outro e o um Outro.

Assim, essa, é uma representação da operação analítica, como também do processo de constituição subjetiva pela operação de separação (castração), ponto de separação do Outro do sujeito, do Outro originário, encarnado pela mãe em sua onipotência. O sujeito nasce da morte do Outro onipotente, da marca da impotência no Outro que desce do altar da completude para o chão dos meros mortais em falta.

O lugar do Outro no qual A=1, é o lugar da completude do código, lugar onde existe resposta para o que queres, *Che vuoi*. A esse lugar corresponde o lugar reservado ao um Outro. A ocupação desse lugar pela operação analítica se dá da seguinte forma: a inscrição de uma perda (*a*) do lado do um Outro, simultânea à constatação da falta de significante no Outro. Aqui se dá a castração . Esse lugar reservado ao um Outro, é então cortado pela inscrição dessa perda que revela um significante entre todos do enxame de  $S_1$ , candidato a suprir a falta pela perda. Do lado do Outro esse ponto de corte corresponde a um *sou onde não penso*, e do lado do um Outro corresponde a um *penso onde não sou*. Ou seja, ali onde *não penso e sou*, estou na alienação do código, lugar que corresponde ao Isso freudiano, ali habita o enxame de  $S_1$ . É apenas na inscrição da falta, "do lado do Outro", e sua correspondente perda, "do lado do um Outro", que se origina a dialetização dos significantes mestre com a correspondente transição do Outro, para o um Outro do sujeito. Agora: *penso e não sou*.

A operação analítica realiza-se em um número finito e contável de passagens, de des-identificações, podendo convergir para o limite da estrutura subjetiva, avizinhando-se do significante da falta no Outro, ponto em que a travessia do fantasma se dá. Nesta vizinhança o significante da falta no Outro coincide com  $1+a$ . O analisante passa pelo buraco de onde advém produto do discurso do analista. Agora  $S_1$  é letra de seu *sinthoma*. Sua identificação ao *sinthoma* transforma o modo como ele ocupa lugar nos diferentes discursos, viabilizando ser agente com estilo próprio no discurso do analista. O que era impasse se torna ato de passagem.

Agora o sujeito sabe o suficiente de sua alienação ao Outro, tendo se separado suficientemente para apoderar-se de um Outro e saber do seu desejo.

A cada termo da sequência pode-se correlacionar uma interpretação que resulta na transferência de um significante  $S_1$  desarticulado do enxame do Outro, em um significante mestre articulado, no um Outro, ou seja, transferência do Outro da alienação para o um Outro da separação.

Lacan afirma:

*"Na análise confrontamo-nos a todo instante com o efeito da perda. Ela atesta que este efeito é encontrado a cada passo. Atesta-o inocentemente, isto da maneira mais nociva, atribuindo-o a um prejuízo imaginário, referindo-o ao esquema de ferida narcisea, ou seja, imputando-o à relação com o semelhante. Ora esta relação não tem absolutamente nada a ver com isto<sup>18</sup>".*

Na experiência da análise sua fecundidade repousa na des-identificação —perda das certezas de ser isto ou aquilo, saldando-se por um ganho de saber. Ao gozo identificatório perdido corresponde o ganho de saber sobre a castração.

A equação escolhida por Lacan tem a força de ilustrar porque a psicanálise progride... seu progresso em cada caso de análise finalizada corresponde, na repetição de perdas e sua soma acumulada, a um ganho aditivo de igual magnitude e outro lugar para o sujeito na dialética do amor e desejo.

A sequência decrescente ilustra então o trajeto da elaboração analítica, sobre a qual Lacan diz:

*"Quem está num divã percebe que ela [a elaboração analítica] consiste em voltar o tempo todo a mesma coisa, que em todas as viradas se é levado para o mesmo troço, e isto precisa durar, para chegar justamente ao que lhes expliquei, ao limite, ao término, quando se vai pelo caminho certo, naturalmente. Percebe-se que isto é um efeito do supereu, isto é, que esta espécie de sujeito bandidão, supostamente extraído do complexo de Édipo, ou da mãe devoradora, ou de qualquer destas gangorras, tem, no entanto, uma relação com o lado desgastante, inoportuno, necessário e sobretudo repetido através do qual, na análise, efetivamente se chega, às vezes, a um fim<sup>19</sup>."*

### **A sequência Crescente.**

Quando, na operação analítica se tenta reparar o dano da perda, tudo o que se consegue é um fortalecimento narcíseo e um prolongamento desta aberração. A sequência crescente ilustra este engodo. Trata-se de uma sequência divergente, que se constitui como efeito da negação da falta no Outro, e correspondente ocupação, pelo sujeito, do lugar dessa falta identificada ao objeto de completude do Outro.

---

18 Ibid. (2), p. 125.

19 Ibid. (2), p 161

Essa sequência é candidata a representante de uma análise cuja evolução não tenha alcançado o ordenamento, para o analisando, de sua dialética da demanda de amor e da experiência de seu desejo. A sequência crescente representa também uma multiplicidade de acidentes na constituição subjetiva.

A Lei que rege essa sequência é uma Lei leonina por parte do Outro. Ela deixa o outro à mercê dos tropeços do Édipo e da castração. Tantos são os exemplos disso na dimensão diacrônica: desmame tardio, educação antecipada ou tardia dos esfincteres, dificuldades de separação na idade escolar, falha na função paterna, mãe fálica... Tropeços estes que na dimensão sincrônica mantém o sujeito amordaçado e resistente à experiência de castração. Nesses casos o sujeito chega atrasado para a experiência e tendo que lidar com falta da falta: faltarão unidades de  $a$  para manter os inteiros da re-inscrição de significantes mestre pelo Outro. Lacan<sup>20</sup> compara esse processo ao processo invertido do cavalo de Troia. O Outro absorve cada vez mais inscrições de  $S_1$  em seu ventre, fartando-se das identificações que não se desfazem, e acumulando a falta da falta. Nesse caso não há perda suficiente para dar ensejo ao novo, ao furo. O tamponamento da falta no Outro não elimina sua voracidade, se é que não a aumenta.

Os dois encaminhamentos, tanto a sequência decrescente como a crescente apoiam-se na fórmula inicial:

$$\frac{1}{a} = 1 + a$$

Diferentemente da leitura da sequência decrescente onde o Outro se relaciona com a falta, aqui na sequência crescente a relação do Outro é com o objeto de sua completude. Para a permanência nesse engodo de completude do Outro, o sujeito estanca numa relação de objeto do Outro. Nesse caso, o  $a$  permanece como objeto dos dois lados da fórmula inicial. De um lado está o objeto que o Outro demanda. Do outro lado,  $a$  é o objeto que o sujeito acha que deve oferecer para satisfazer essa demanda. O que é demandado jamais coincide com o que lhe é entregue — a hiância entre ambos só aumenta. Do lado esquerdo da fórmula inicial podemos ler a razão ( $\frac{1}{a}$ ) como desejo do Outro (1) por sua completude através da relação com o outro ( $a$ ) como objeto. E do lado direito da igualdade o Outro (1) e o objeto ( $a$ ) correspondente ao imaginado pelo outro como

---

20 Ibid (2), p. 357.

objeto de completude do Outro ao qual está alienado, como complemento necessário e nunca suficiente, como parcela  $a$  de  $1+a$ .

A sequência crescente que representa este desastre, surgiu da mesma origem estrutural que a decrescente, porém o Outro e o outro ocupam lugares com funções completamente diferentes, em uma e outra das sequências.

Esta origem comum mostra que o que muda é o mecanismo da repetição, que difere da sequência crescente para a decrescente. Na repetição é da relação do Outro e o objeto  $a$  que se trata. A perda será efetivada ou negada, a depender de como o Outro é tratado pelo outro: ou o Outro está definitivamente castrado ou se insiste em sua completude. A repetição entra em jogo com a carta marcada do traço unário, seja ele convergente ou divergente ao ideal do ego. A convergência ao ideal do ego manifesta-se no sintoma quando o sujeito não o experimenta como uma divisão interna, não há demanda de um querer ser diferente, sua identidade subjetiva integra o traço unário. No caso da divergência do ideal do ego, o sintoma é experimentado na divisão subjetiva, há na demanda uma distância, revelada na fala do analisante, entre o que é e o que imagina que devia ser, ou o que é e o que deseja ser. Nesse caso, o sintoma não está em sintonia com a identidade subjetiva do sujeito, há uma experiência de distonia. O traço unário convoca a repetição de  $S_1$  em enxame. Na vivência da castração, pela metáfora paterna, os  $S_i$ 's serão relegados ao recalque pela articulação significante, tornando-se significantes mestre do sujeito. Os significantes mestre recalcados formam agora o inconsciente do sujeito, assim dividido. O retorno do recalcado será tão mais virulento quanto mais divergente for, em seu efeito de sentido, da direção que o sujeito tome ao constituir seu ideal de ego. O sofrimento que deriva desta distância do ideal do ego para o ego ideal, a repetição só faz aprofundar. No caso de convergência entre os significantes mestre e o ideal do ego, o sujeito caminha em direção ao seu ideal, sem grandes tropeços, sem necessidade de produzir sintomas, segue a partir de seu *sintoma* fundamental.

O Outro entra com seu enxame de uns. Na sequência crescente, a cada repetição, a falta no Outro é negada e tamponada por esta negação e recusa da perda que o reconhecimento da falta traria. O Outro começa apresentando-se em sua completude.

Na sequência decrescente, o Outro começa se apresentando como não contendo a resposta, como incompleto. No caso da sequência crescente, há uma resposta tamponadora à demanda do Outro que então se apresenta sem o corte da falta de significante. O Outro insiste e fecha-se como uno

em (1), em lugar do zero. Já na sequência decrescente, o zero dá início ao movimento do Outro que se transformará em um Outro, através da marca do vazio, indispensável a essa transição. Contrariamente na sequência crescente, o zero representante do corte, do vazio, da falta de significante no Outro, está ausente. Em seu lugar o Outro se inicia como (1) compacto, sem espaço. Aqui, a falta da falta impede o processo de subjetivação. A identificação é só imaginária, fixada no estado do *sou e não penso*, no Isso, bloqueando a passagem para o simbólico que, através do *penso e não sou*, tem o poder de desfazer tal identificação.

A sequência crescente é sempre positiva. Em Fibonacci a evolução dos significantes mestre oferecidos pelo Outro, determinantes na repetição, é representada por :

1,1,2,3,5,8,13,21...( sequência de números inteiros que representa a participação do Outro no jogo significante, cada um dos inteiros é um S<sub>1</sub> que se reproduz em enxame.).

Na sequência crescente, cada S<sub>1</sub> do enxame é uma marca do desejo do Outro tal como interpretada pelo outro na tentativa de manter a ilusão da completude. O pequeno outro ocupa um lugar de responsável parcial ou total, nesta escala que corresponderá ao seu grau de alienação ao desejo do Outro. O descompasso entre o desejo do Outro e como o outro o imagina é a fonte de insatisfação crescente deste sujeito, que se oferece a um sacrifício, cedendo de seu desejo em favor do desejo do Outro, fadado ao fracasso.

A sequência crescente representando a locupletação significante que se repete sem alternativa: a repetição neste contexto só faz aumentar o enxame de S<sub>1</sub> ( Essaim). Esse significantes que a cada repetição se reapresentam como candidatos a representantes do sujeito, de onde eles vêm? Do lugar paradoxal no qual os significantes do ego ideal assumem a função dos significantes do ideal de ego, de forma que a identificação enquanto só imaginária age como uma sobredeterminação alienante. Os S1's da ilusão da identificação imaginária, aqui são supridos às fartas. Na falta da falta, na falta do corte, os significantes não representam um sujeito diante da incompletude do Outro. Eles são apenas empréstimos identificatórios. O enxame de significantes mestre ao iludir a completude do Outro faz uma colagem escravizadora no outro. Aí não opera a inscrição da falta, e a operação de alienação torna-se uma potência de mais-de-gozar carregada pelos S<sub>1</sub>'s.

À sequência crescente, na qual o Outro apresenta-se como completo, corresponde a parceria do outro como mais-de-gozar, na forma da negação da falta e recusa da perda a cada passo. Uma sequência sem

alternar os sinais, diferentemente do jogo mais honesto que ocorre na sequência decrescente, onde lá sim, os sinais se alternam com os do Outro. Aqui o Outro e o outro não respeitam sua vez a cada lance de jogada, apostam simultaneamente, na fuga do outro que paga para não ver e cede a vez ao Outro onipotente. A cada fuga, uma parcela de mais-de-gozar acumula-se para compor o resultado final. Ou seja, há uma primeira negação representada pelo zero na sequência que corresponde à participação do outro no jogo e, a partir daí, uma negação da falta no Outro pela sequência de objetos que vêm a tamponá-la. É como se o outro iniciasse sua participação no jogo relacional afirmando: zero falta no Outro.

A sequência dos candidatos a objetos no engodo da completude do Outro se expressa assim:

$0,1a, 1a, 2a, 3a, 5a, 8a, 13a, 21a\dots$  (sequência que representa a falta de vez do outro no jogo significante a partir do primeiro termo (Zero), falta da falta, e a partir daí a entrada do outro oferecendo objetos  $a$ , em múltiplos de  $a$ , representando a magnitude de sua recusa de perda).

A cada antecipação de ocorrência de falta no Outro, o pequeno outro se adianta a lhe oferecer um objeto, ou oferecer-se como objeto, dando continuidade à ilusão que o Outro confirma ao inteirar sua aposta e o pequeno outro ao continuar pagando para não ver.

Notemos que no jogo entre o Outro e o outro, as sequências aqui não alternadas seguem positivas: pensemos no esquema ótico de Lacan<sup>21</sup>, quando os significantes mestre vêm em dissonância com o ideal de ego, sinalizando um acúmulo de identificações imaginárias no lugar da perda. Este mesmo aumento progressivo de identificações imaginárias pode demandar o processo inverso. Sempre que o sujeito tenta desfazer essas identificações, para que passem de sobredeterminantes a inoperantes, ele se depara com uma defasagem entre seu movimento e o do Outro. Isso está claro na comparação das sequências:

$1, 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21\dots$  (avanço do Outro.).

$0,1a, 1a, 2a, 3a, 5a, 8a, 13a, 21a\dots$  (movimento do outro.).

O sujeito está um passo atrás em seu movimento, por exemplo: quando o Outro está na posição 13, o sujeito está na posição 8a.

A cada vez que o sujeito aceita a perda de completude do Outro uma des-identificação com o objeto dessa completude ocorre. Ao contrário quando a perda é negada, ela o é às custas da identificação do sujeito com o objeto de completude do Outro. Por mais que o sujeito se ofereça estará

21 Idem(4), Observação sobre o relatório de Daniel Lagache, pág. 680,681,687

sempre um passo atrás, a completude do Outro é impossível e o investimento na negação da falta cresce indefinidamente.

Essas duas sequências acima representadas, evidenciam o avanço do Outro e o movimento do outro, articulando-se assim: falta de castração do Outro que se apresenta como (1) na entrada do jogo, no qual é reconhecido como completo, a entrada do parceiro outro com zero falta. A parceria representa-se assim:  $1+0=1$ . O jogo prossegue sem alternância de sinais, e o resultado passo a passo, corresponde à sequência:

$1; 1+a; 2+a; 3+2a; 5+3a; 8+5a \dots$  (sequência de resultados do jogo significante entre o Outro que se pretende completo e o outro que com ele joga.).

Essa é uma sequência de mais de gozar na qual ao invés da perda que corresponde a um saber, acumula-se ignorância. O sujeito sabe cada vez menos de si, ignora cada vez mais seu desejo, imagina saber cada vez mais do Outro, engodo pelo qual paga caro com o sacrifício de seu processo de subjetivação impossível de ser executado. E, que matematicamente, é igual à seguinte sequência:

$$1, 1/a, 1/a^2, 1/a^3, 1/a^4, 1/a^5 \dots$$

Essa sequência de crescimento exponencial reproduz o desfiladeiro da demanda de forma a alargar o abismo entre as margens, pela covardia de ceder do próprio desejo ao desejo do Outro.

Notamos então que essa é a sequência do mais-de-gozar, o  $a$  é o que encontramos na escravidão do outro pelo Outro, ou seja,  $a$  ocupa o lugar do mais-de-gozar e Lacan afirma "...sem que nada senão a obscuridade seja assinalada quanto ao gozo próprio deste escravo"<sup>22</sup>.

Estas potências do inverso de  $a$ , negação da falta no Outro, nas quais o outro paga para não ver e insiste em inteirar com o Outro, são representantes do mau encaminhamento na castração. O Outro não sofreu a operação de perda, e o sujeito fugiu do paradoxo do *todos são significantes menos um!* Apenas a falta de significante, resultante da castração, aciona, a partir do menos um a passagem do enxame de S1 para um conjunto enumerável de significantes mestre dialetizáveis. A consequência deste mau encaminhamento no processo de castração é aumentar a potência do capital do Outro na exploração do outro como escravo. O  $a$  como possível objeto de completude multiplica-se e o que deveria ter sido perdido só aumenta!

Assim, observando que sendo  $a$  menor do que 1, as potências de  $1/a$  tendem a aumentar de valor quando o expoente cresce. Se o expoente

---

22 Ibidem (2), p. 358.

tende a infinito a potência de  $1/a$  também cresce indefinidamente. Ou seja, estamos falando de uma magnitude de escravidão, de um gozo do corpo do outro, que só aumenta com a repetição mal-sucedida da castração.

Lacan faz uso das sequências de Fibonacci para ilustrar dois dos possíveis encaminhamentos da análise. Um equivocado, que aprofunda o descaminho da verdade do sujeito, modelado pela sequência crescente. Esse encaminhamento ao longo de uma análise revela uma endemia parasita pelo enxame de S1 no estágio imaginário, pressos para sempre ao estágio alienante. Não efetiva a simbolização que os separaria do Outro, adiando sempre a perda em favor do mais-de-gozar. O mergulho nesse gozo aumenta a distância cada vez mais do saber sobre o desejo do sujeito.

O resultado de uma análise assim conduzida tende ao infinito, tratando-se de uma análise interminável. Essa sequência crescente também ilustra a vida do neurótico quando este é um sujeito de certezas, não tem dúvidas, seu discurso é um discurso de certezas, uma vida inadequadamente dialetizada. Aqui é muito difícil que se institua o lugar do sujeito suposto saber.

O sujeito aí desaparecido, vive sem a sua verdade, na alienação que confirma sua escravidão ao Outro, acentuando a falta-a-ter em lugar da falta-a-ser.

A sequência crescente é gerada pelo esforço de resistir à separação entre ser e pensar. Ou ainda, ao investimento para manter-se na intersecção entre ser e pensar; um sujeito que se acredita em estado contínuo do cogito. Qualquer das ocorrências que demonstram esta impossibilidade—sonhos, atos falhos, sentir ou fazer o que não deseja—são imediatamente desclassificadas. Para que o recalcado não retorne, há um desvio da pulsão para conteúdos cada vez mais distanciados dele. Colagem em identificações imaginárias, que impedem que o sujeito realize o ideal de seu ego podendo até mesmo—como no caso de Schreber—desencadear uma psicose. Discurso psicótico nada mais é do que articulação significante na ausência da lei—do falo. O sujeito contenta-se com a falta de autoria ou atribuições obscurantistas destes eventos. A direção dos esforços é para negar a divisão do sujeito. O único lugar possível desse sujeito é no ser e pensar enquanto interseccionados, o sujeito ocupa um lugar de resistir a que se separem, recusando-se a habitar pela fala qualquer dos lugares complementares: *onde é e não pensa* ou *onde pensa e não é*. Não há vislumbre daí de uma nova ordem entre o ser e o pensar.

O zero que inaugura a sequência da negação da falta é a aposta que o sujeito faz em zero falta do Outro. Ele aposta no Outro da completude.

Consequência disto é que o sujeito não renuncia às suas identificações imaginárias— não renunciando ao ser, renuncia ao pensar. Mantém-se imerso no Outro, no mais-de-gozar, efeito da completude do Outro, fixado onde é e não pensa. Ele recusa o *penso onde não sou*, lugar onde se desfazem as identificações imaginárias.

A negação da incompletude do Outro inviabiliza qualquer negação, por parte do sujeito, à simultaneidade entre ser e pensar. A alienação neste caso de reiteração da completude do Outro, perante esse assujeito, faz dele escravo do mais-de-gozar.

Cada passo dessa sequência para o sujeito só faz crescer a repetição originada no *ser onde não penso*. Essa sequência tende ao infinito, nenhum valor a limita.

O que aqui se reitera não é mais do que o traço unário na sua infinita repetição, e o assujeito não alcança o um Outro do sujeito, que destituiria o Outro da completude. Isto porque o sujeito não se apropria do saber, insiste na ignorância, permanecendo fixado na alienação. Não pode esvaziar o Outro da alienação; age o cavalo de Troia com função invertida.

Neste cenário de uma sequência crescente, a esperança de numa desmontagem definitiva da repetição reside na operação de mudar o sujeito de sequência, o que equivale à castração. Na sequência crescente, o sujeito vive invadido pelo gozo, inverso da perda, e isso só tende a aumentar.

Uma ação terapêutica que permanece no modelo da sequência crescente certamente não é uma análise lacaniana.

Daí decorre o inferno do descarrilamento na ordenação da dialética da demanda de amor e experiência do desejo que se mantém alienada ao Outro, este é um fantasma cada vez mais aterrorizante...

O lugar do analisando (obsessivo ou psicótico) que encaminha uma análise no paradigma de um modelo de sequência crescente, não dispensa a busca da singularidade em cada analisando, que se expressa pela função do Outro, e daqueles que o encarnam, pela tradução imaginária que o analisando dá aos objetos faltantes que ele tenta suprir ou incorporar. Enfim, são as singularidades que constituem ponto de apoio de intervenções que possibilitem, diante desta norma ou fuga dela, o remanejo do sujeito para outra estrutura, para outro paradigma no encaminhamento da análise. A sequência crescente passa para decrescente através do furo no Outro. Isso dá ao sujeito mobilidade no campo do Outro, que escapa da detenção de objeto do Outro, e faz os cortes necessários ao arcar com as perdas e saberes que lhes vão corresponder.

## Conclusão

As duas sequências desenvolvidas, crescente e decrescente, são paradigmáticas. Estas, como modelos, funcionam como balizas no campo das relações entre o Outro e o outro, no levantamento topográfico que Lacan desenha: "os sulcos da aletosfera"<sup>23</sup>. Na clínica lacaniana, nesses sulcos, podemos encontrar os marcos que podem ajudar com certa clareza no direcionamento de cada caso. Essa demarcação do campo do Outro também serve para indicar os perigos, para avaliar se o sujeito é ou não analisável pela forma como apresenta sua demanda, enfim, para o analista orientar-se na direção do tratamento.

Neste sentido, cada modelo serve como referência para que se possa avaliar a distância que cada caso apresenta desse mesmo modelo. Em que pesem as infinitas formas de fuga que cada analisando apresente de cada modelo, podemos nos apoiar, durante a caminhada de cada análise, na singularidade de cada analisando no jogo significante.

Nestes marcos buscamos avaliar nossa distância do fim da análise, quando esse fim for possível. É determinante no curso de uma análise o encontro com as respostas, que dependem do analista bem formular as perguntas, pertinentes a uma análise lacaniana. Entre tantas possíveis destacamos os seguintes questionamentos. O analisando consente na perturbação de suas defesas? Que lugar ocupa quando fala em análise? O lugar de sujeito barrado e com benefício da dúvida ou cheio de certezas? Como em sua fala revela-se a função de seu Outro? Quem o encarnou na infância? Quais são seus significantes mestre na condição de "significantes amo que não-amó", "significantes amo que odeio"? Na etapa de vida do analisando, considerada sua história na dimensão diacrônica, como é a experiência com a função do Outro? Há deslizamentos de uma relação viciada com o Outro? Que tropeços na castração permeiam o complexo familiar? É notável o mesmo padrão na vida social? O inferno no cotidiano, como desejo do Outro, onde se localiza? O analisando está parasitado pelo imperativo de suprir objetos para cada outro, esse outro que ele coloca tomando o lugar do Outro, e repete uma relação de alienação? Qual a gênese de suas relações atuais: que tipo de relação primitiva com o Outro engrena sua repetição? Inteira o Outro? Ou reconhece sua falta? A partir disso a função do objeto *a* no

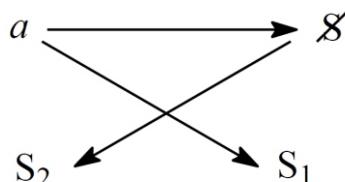
23 Lacan, J (1969-1970). O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992, cap. XI.

analisante se mostra: está no lugar da falta da falta ou da perda ou de causa-de-desejo? É um objeto forma pelo sujeito ou é um sujeito em forma de um objeto emprestado do Outro?

Há por parte do analisando um lamentar perdas que impede o caminho da castração, mantida parcial num eterno desvio de atingir seu fim? Que perdas são essas? Que saber é este do qual não quer saber nada? Assim é que ao analista ocorrem perguntas comuns a todos os casos, mas as respostas são sempre únicas em cada caso, chavão de que *o desejo do analista é o desejo de obter a diferença absoluta* que procuramos deixar claro no que segue.

Ao processo de análise cumpre o questionar para destituir de sua potência os significantes mestre cujas marcas correspondem, quando dialetizadas, a um efeito de sentido do sujeito que sofre pelo indesejável de seu desejo. Repetição engendrada pelos significantes mestre que o analisando não ama! Portanto, a partir da identificação dos significantes mestre cabe proceder à estratificação conforme agentes do desejo, do gozo, ou do mais-de-gozar.

Finalizando, uma leitura do discurso do analista, por Miller, reconhece como "*etiqueta lacaniana da experiência analítica*"<sup>24</sup> reproduzida abaixo:



Sobre a qual escreve: "*O desejo do analista como desejo de obter a diferença absoluta — tomo a definição de Lacan — não é um desejo de saber.*" E à continuação nos esclarece afirmando:

[...] o desejo do analisante é um desejo de saber, enquanto que o desejo do analista se orienta sobre o outro termo da linha inferior:: é o

24 Miller, J.A. ( 2011) *La experiência de lo real em la cura psicoanalítica*, 1º ed. 6º reimp— Paidós, Buenos Aires, 2014, pág 18, tradução da autora.

*desejo de obter a aparição, a reaparição, a caída desta etiqueta subjetiva que chamamos significante amo ou identificação*<sup>25</sup>.

Há, no entanto, um saber imprescindível adquirido no estudo da psicanálise, que permite uma ordenação para a heurística de cada analista. A forma como Lacan formalizou, expandiu e diferenciou o campo de conhecimento deixado por Freud e muitos de seus seguidores, tem um grau de generalidade que aumenta o potencial de transmissão da psicanálise, para uma melhoria contínua desta clínica frequentemente sob suspeita.

#### *Agradecimento*

*Este artigo cumprir sua função deve-se a um para-além de uma cuidadosa revisão de Regina Steffen. Das conversações que mantivemos e pelas questões levantadas, sempre muito estimulantes e desafiadoras, foi possível o encaminhamento de respostas que formataram este trabalho.*

---

<sup>25</sup> Idem (24).

## Referências Bibliográficas

*Handbook of Applicable Mathematics. Vol. I: Algebra* (1980), Edited by Walter Ledermann and Steven Vajda, John Wiley & Sons Ltd.

Lacan, J. A significação do falo(1958), *Escritos*, Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache (1960), *Escritos*, Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. (1958-1959). *Le Séminaire libre VI, Le désir et son interprétation*, Éditions de La Martinière et Le Champ Freudien Éditeur, juin 2013.

\_\_\_\_\_. (1966-1967). *A Lógica do Fantasma*, Publicação não comercial, Centro de Estudos Freudianos do Recife, Recife, outubro de 2008.

\_\_\_\_\_. (1968-1969). *O Seminário, livro 16, De um Outro ao outro*, Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

Miller, J.A. (2011). *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*, 6 reimp., Buenos Aires: Paidós, 2014.

Soler, C. (2013). *El fin y las finalidades del análisis*, Buenos Aires: Letra Viva, 2013.

# **AGENDA**

## **1º. SEMESTRE DE 2015**

### **LEITURAS EM PSICANALISE**

#### **A OBRA DE SIGMUND FREUD**

##### **A Clínica Freudiana: Dora, Hans, Homem dos Ratos, Homem dos Lobos e Schreber**

Coordenação: Comissão de Ensino

Quintas-feiras, das 20h00 às 21h30

Semanal

Início: 05/03/2015

#### **A OBRA DE JACQUES LACAN**

##### **Seminário IV: A relação do objeto**

Coordenação: Lucia Bertazzoli

Quintas-feiras, das 18h30 às 20h00

Semanal

Início: 05/03/2015

##### **Seminario VI: O desejo e sua interpretação**

Coordenação: Regina Stefen

Terças-feiras, das 19h00 às 20h30

Semanal

Início: 03/03/2015

### **SEMINÁRIOS**

#### **Sobre a criança**

Coordenação: Núcleo de Psicanálise da Criança

Quartas-feiras, das 10h00 às 11h30

Quinzenal

Início: 04/03/2015

### **A clínica do real**

Coordenação: Walkiria H. Grant

Sempre nas 1<sup>as</sup> e 3<sup>as</sup> Sextas-feiras, das 10h00 às 11h30

Quinzenal

Início: 06/03/2015

### **Fundamentos da Teoria do Imaginário Lacaniano**

Coordenação: Francisco Capoulade

Quintas-feiras, das 18h30 às 20h

Quinzenal

Início: 07/05/2015 30

### **Psicanálise: a episteme latente do século XXI**

Coordenação: Comissão de Ensino

Sextas-feiras, das 10h00 às 11h30

Quinzenal

Início: 13/03/2015

## **2º. SEMESTRE DE 2015**

### **LEITURAS EM PSICANÁLISE**

#### **A OBRA DE SIGMUND FREUD**

##### **As estruturas psíquicas: Neurose, Perversão, Psicose**

Coordenação: Comissão de Ensino

Semanal: quintas-feiras, das 20h às 21h30

Início: 06/08/2015

#### **Primeira Tópica**

Coordenação: Comissão de Ensino

Quinzenal: sempre às 1<sup>as</sup> e 3<sup>as</sup> sextas-feiras do mês, das 08h às 09h30

Início: 18/09/2015

#### **A OBRA DE JACQUES LACAN**

##### **Seminário VI: O desejo e sua interpretação**

Coordenação: Regina Steffen

Semanal: terças-feiras, das 19h às 20h30

Início: 04/08/2015

# **SEMINÁRIOS**

## **Sobre a criança**

Coordenação: Núcleo Sobre a Criança

Quinzenal: sempre às 1<sup>as</sup> e 3<sup>as</sup> quartas-feiras, das 10h às 11h30

Início: 05/08/2015

## **A clínica do real**

Coordenação: Walkiria H. Grant

Quinzenal: sempre às 1<sup>as</sup> e 3<sup>as</sup> sextas-feiras do mês, das 10h às 11h30

Início: 07/08/2015

## **Psicanálise: a episteme latente do século XXI**

Coordenação: Comissão de Ensino

Quinzenal: sempre às 2<sup>as</sup> e 4<sup>as</sup> sextas-feiras do mês, das 10h às 11h30

Início: 14/08/2015

## **V Jornada de Psicanálise da ACP**

**Tema: "A fantasia: do impasse aos atos de passagem"**

Data : 24/10/2015

Sábado – 09h00 às 13h00

## **EXPEDIENTE**

*aCarta* Informativo da ACP-Associação Campinense de Psicanálise  
Rua 14 de Dezembro, 399 CEP: 13.015-130 Cambuí, Campinas – SP

Tel/fax: (19) 3232-4278

e-mail: [acp@acpsicanalise.org.br](mailto:acp@acpsicanalise.org.br) home – Page: [www.acpsicanalise.org.br](http://www.acpsicanalise.org.br)  
[www.facebook.com/AssociacaoCampinenseDePsicanalise](https://www.facebook.com/AssociacaoCampinenseDePsicanalise)